

(DES)CONEXÕES FAMILIARES: O USO DAS TECNOLOGIAS E AS IMPLICAÇÕES RELACIONAIS

FAMILY (DIS)CONNECTIONS: THE USE OF TECHNOLOGIES AND RELATIONAL IMPLICATIONS

Eduarda Luiza Gewehr Lanius¹
Patrícia Manozzo Colossi²

Resumo

Considerando o crescente uso das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) na sociedade e as mudanças decorrentes desta transformação, o presente artigo buscou compreender as repercussões do uso das TDICs nas relações familiares com crianças e adolescentes na percepção dos pais. Desta forma, realizou-se um estudo qualitativo de caráter exploratório em que foram pesquisados quatro casais heterossexuais, com idades entre 18 e 50 anos, casados ou em união estável, residentes na mesma casa e com pelo menos um filho entre zero e 18 anos. Os casais foram selecionados por conveniência, de modo a contemplar pelo menos um filho nas diferentes fases do desenvolvimento infantil. Como instrumentos utilizou-se um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada com treze questões. A análise de dados se deu qualitativamente, com foco na dinâmica familiar, sendo que cada caso foi analisado primeiro individualmente e posteriormente, realizou-se a comparação das semelhanças e divergências entre eles. Os resultados demonstraram que o diálogo é um fator importante para o desenvolvimento de relações saudáveis e que, no entanto, o uso frequente das tecnologias diminui essa prática entre os membros da família. Também se identificou que o uso das TDICs pode influenciar negativamente o comportamento dos filhos e que a tecnologia pode ser benéfica, especialmente em relação à oportunidade de comunicação a distância e de novos aprendizados. Assim, reforça-se que possam ser preservados momentos familiares específicos para a convivência sem o uso das telas, a fim de preservar o diálogo e a atenção entre as pessoas.

¹ Bacharel em Psicologia pelas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Email: eduardaluiza@sou.faccat.br

² Doutora em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS Professora do Mestrado em Desenvolvimento Regional- PPGDR/FACCAT e da graduação em Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. E-mail: patriciacolossi@faccat.br

Palavras-chave: Tecnologia. Relações familiares. Relações pais-filho. Tecnologia digital da informação e comunicação.

Abstract

Considering the growing use of Digital Information and Communication Technologies (DICTs) in society and the changes resulting from this transformation, this article sought to understand the repercussions of the use of TDICs in family relationships with children and adolescents in the perception of parents. In this way, a qualitative study of an exploratory nature was carried out in which four heterosexual couples were researched, aged between 18 and 50 years old, married or in a stable union, living in the same house and with at least one child between zero and 18 years old. The couples were selected for convenience, in order to include at least one child at different stages of child development. As instruments, a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview with thirteen questions were used. Data analysis was carried out qualitatively, focusing on family dynamics, with each case first being analyzed individually and then comparing the similarities and differences between them. The results demonstrated that dialogue is an important factor for the development of healthy relationships and that, however, the frequent use of technologies reduces this practice among family members. It was also identified that the use of DICTs can negatively influence children's behavior and that technology can be beneficial, especially in relation to the opportunity for distance communication and new learning. Thus, it is reinforced that specific family moments can be preserved for coexistence without the use of screens, in order to preserve dialogue and attention between people.

Keywords: Technology. Family relationships. Parent-child relationships. Digital information and communication technology.

1 Introdução

Desde as últimas décadas, a tecnologia tem transformado o mundo, as pessoas e as relações sociais. Dessas mudanças, surgem consequências positivas e negativas. Cada vez mais as interações sociais estão acontecendo por meio da Internet e as oportunidades de diálogo, antes realizadas por meio das trocas sociais presenciais, convivência familiar ou da escola, tornam-se especialmente vivenciadas no mundo virtual (Sorj; Noujaim; Marzocchi, 2021).

Apesar de a tecnologia apresentar uma série de benefícios e praticidade, existe preocupação com relação à sua dependência e as motivações do seu uso, essencialmente quando se faz referência às redes sociais. O uso constante de dispositivos eletrônicos, aliado ao ritmo de vida acelerado e a diminuição das interações sociais contribui para que surjam sentimentos de solidão em diferentes faixas etárias (Ledur; Schmitt; Mello; Andretta, 2022). Desta forma, questiona-se

acerca dos impactos que esse comportamento pode causar nas pessoas, de modo especial, no que se refere às famílias, já que o diálogo e a convivência são fatores essenciais para a vida familiar. Os mesmos comportamentos, mostram-se ainda, promotores da satisfação pessoal e auxiliares no enfrentamento das dificuldades cotidianas (Young; Abreu, 2018).

Segundo as recentes pesquisas publicadas pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - CETIC (2021), 93% dos brasileiros com idade entre 9 e 17 anos são usuários frequentes da Internet e 95% dos domicílios têm televisão e telefone celular, sendo que 82% das casas têm acesso à Internet. Diante desse cenário, torna-se fundamental analisar a relação entre a família e a cultura tecnológica, pois essas duas realidades intervêm na identidade do sujeito, na sua estrutura e seu processo de socialização, de formas diferentes de acordo com cada idade (Oceja; Altaba, 2016).

Embora a evolução tecnológica esteja em constante movimento, o que demanda novas descobertas e adaptações, a comunidade científica ainda carece de pesquisas na área, especialmente envolvendo suas implicações nas relações familiares (Almeida; Frizzo, 2021). Se a nova cultura tecnológica altera o sujeito e seu modo de ser no mundo, exige também que esse mesmo sujeito seja considerado a partir de uma nova perspectiva, que provém da sua própria relação com a tecnologia. Na mesma direção, se a família tem um papel fundamental na constituição da pessoa, torna-se necessário compreender as repercussões da Internet no meio familiar.

A partir disso, o presente artigo buscou compreender as repercussões do uso da tecnologia nas relações familiares com crianças e adolescentes na percepção dos pais, investigando de que forma a presença das TDICs nas famílias modifica a qualidade das relações familiares. Esta investigação pautou-se no modo como os pais percebem as suas relações considerando o uso das TDICs no cotidiano e como são percebidos os momentos em família com e sem a sua presença, analisando, ainda, o uso frequente das tecnologias e o ritmo de vida acelerado e suas repercussões nas interações familiares. Para tanto, foram entrevistados quatro casais e os resultados foram analisados qualitativamente, com foco na dinâmica familiar, primeiro de forma individual e depois por meio do

cruzamento dos casos (Yin, 2005). Os resultados poderão contribuir com profissionais envolvidos, em alguma medida, com o cuidado de crianças, adolescentes e suas famílias, bem como a sociedade como um todo. Os resultados poderão também, despertar a relevância do tema e suas intersecções com a clínica psicológica, suscitando o interesse para novos estudos na área, contribuindo com a comunidade científica no que se refere à possibilidade de publicação dos resultados e à possibilidade de criação de propostas de intervenção com esta população.

2 Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs)

Há muito tempo, o mundo tem experimentado grandes mudanças no que se refere às diferentes formas de modernização. A revolução tecnológica tem impactado as formas de viver desde o primeiro momento do seu surgimento, já nos séculos passados com a criação dos trens, depois do fordismo e então, das esteiras na era industrial. No entanto, o descobrimento da informação, ampliação do conhecimento, da conexão de diversas partes do mundo foi o que causou a grande euforia, que percorreu o mercado e as mídias, e transformou o imaginário social desde décadas passadas (Almeida; Crippa, 2009).

No campo das ciências tecnológicas, discute-se muito acerca do conceito adequado para designação das Tecnologias Digitais da Informação. Atendo-se ao conceito mais abrangente, pode-se considerá-las como um conjunto de dispositivos, serviços ou conhecimentos conectados à uma infraestrutura determinada que é capaz de processar e distribuir informações para o mercado e para os indivíduos que se utilizam dela (Veloso, 2012). O mesmo autor refere um movimento convergente entre as telecomunicações, a informática e a computação, superando as formas de compartilhamento e armazenamento de informação (Veloso, 2012). Atualmente, ao falar das TDICs considera-se os *smartphones*, as redes sociais (*Youtube*, *Skype*, *Instagram*, *Facebook*, *Tiktok*), videogames, jogos digitais, *Spotify*, TV (incluindo as *smart tvs*, que oferecem acesso à Internet, redes sociais e *games* digitais), entre tantas outras plataformas que circundam o meio digital (Melo, *et al.* 2019). O presente projeto utiliza o termo TDICs, em detrimento de Internet, por considerar a diversidade de tecnologias digitais que ele contempla.

Já no início dos anos 2000, Lipovetsky (2007) defendia que o surgimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação era tão intenso em relação à globalização, que surgiriam também novas facetas das relações humanas: a individualização, uma ansiedade generalizada, o consumo desenfreado, a necessidade constante de novidades e uma cultura hedonista. As mudanças tecnológicas da hipermodernidade não encontram mais limites e não se sabe até onde poderão chegar. Eisenstein e Estefenon (2011) discutem a dualidade entre benefícios e riscos que as novas tecnologias oferecem e preocupam-se com a fusão entre o mundo real e o virtual. Segundo as autoras, o maior risco é a crescente vivência dos prazeres do mundo virtual, em paralelo com o aumento de “pessoas perdidas” no mundo real, que acabam experimentando as mais diversas consequências negativas por não serem capazes, ou simplesmente não desejarem encarar a realidade. Neste sentido, o uso abusivo das TDICs pode servir para mascarar possíveis dificuldades emocionais que ficariam mais evidentes em relações presenciais e/ou reais.

Ademais, a comunicação é um aspecto inseparável do homem em diferentes faixas etárias e contextos. Contudo, a pós-modernidade mudou de modo relevante a forma do homem se relacionar. Em décadas passadas, as pessoas mais experientes como pais, professores ou avós, serviam de referência para explicar o mundo na medida em que ele ia sendo descoberto. No entanto, especialmente com o surgimento das redes sociais, essas novas informações tornaram-se soltas e desorganizadas, impactando no modo do sujeito perceber o mundo, alterando a sua percepção de hierarquia e relevância e fragmentando a sua atenção nos diversos estímulos oferecidos. Esse cenário atinge a realidade familiar, pois quanto mais o indivíduo se insere nessa cultura segmentada, mais tende a perceber as pessoas com quem convive da mesma forma, diminuindo assim, a qualidade das suas interações ao depositar menos dedicação sobre elas (Oceja; Altaba, 2016).

Nesta perspectiva, questiona-se acerca de como esses aspectos se apresentam ao longo do desenvolvimento humano, já que faltam estudos longitudinais que buscam identificar os resultados das TDICs no desenvolvimento de crianças e adolescentes. De forma semelhante, há o questionamento de como as tecnologias, em suas diferentes expressões, se apresentam nos sistemas familiares e nas relações que existem nesse contexto.

2.1 TDICs, relações e família

Desde os primórdios da história, a instituição familiar é considerada essencial para o desenvolvimento da sociedade e do indivíduo (Berger; Luckmann, 2004). Na maior parte das vezes, é na família que o sujeito desenvolve e reconhece a sua própria identidade e é esse mesmo lugar que lhe oferece as primeiras relações com o outro e depois, lhe insere na sociedade (RIVAS, et al. 2023). A família pode ser definida como esse núcleo único, na qual a unidade nasce por meio da experiência comum, que permite o desenvolvimento dos seus membros a partir de uma série de costumes próprios e da relação entre os que participam do grupo, facilitando a socialização dos seus integrantes na sociedade em que vivem (Oceja; Altaba, 2016).

Outrossim, o diálogo sempre foi muito importante para as famílias. É por meio da conversação, seja por palavras, seja por gestos, que se criam os costumes particulares, as tradições que perpassam as gerações e os padrões vividos em cada núcleo familiar. Dessa forma, também a sociedade se beneficia das diferentes culturas e habilidades desenvolvidas pelo sujeito em meio as oportunidades de experiências singulares que lhe são disponibilizadas dentro de casa (Grandesso, 2006). Ainda, os momentos de lazer na família facilitam a aproximação dos seus membros e a consolidação do grupo familiar, pois são capazes de gerar e promover o diálogo, a convivência e a alegria, fatores importantes para a satisfação das pessoas que convivem juntas (Roberto; Macedo; Moraes, 2020). Assim como ocorre nas relações familiares, no que diz respeito à relação do casal, considera-se que demonstrações de carinho e afeto, comunicação, tempo de lazer e convivência são fatores importantes para construir uma relação conjugal com mais qualidade (Delatorre; Wagner, 2021). No entanto, o advento da tecnologia nas últimas décadas desencadeou uma série de mudanças em quase todos os aspectos da vida, incluindo as relações familiares, modificando a forma dos indivíduos de viver e pensar (Stengel, et al. 2018).

Neste sentido, a pesquisa publicada pela CETIC (2021) apontou que 53% das crianças de nove a 10 anos já possuem seu próprio celular e entre as crianças de 11 até 12 anos, a porcentagem sobe para 73%. Quando se trata das crianças e adolescentes de nove a 17 anos, esse número passa para 80%. O mesmo estudo

apontou que quando o assunto são pais e/ou responsáveis, 96% deles acessam a Internet todos os dias, envolvendo o desenvolvimento de atividades profissionais e pessoais, apontando o aumento do uso de dispositivos eletrônicos à medida que a idade aumenta.

Os benefícios das TDICs são incontáveis, já que trouxeram praticidade, permitiram o contato com pessoas geograficamente distantes, mudaram o formato econômico, ligaram todos os lugares do mundo e, da mesma forma, adentraram a realidade das famílias, alterando a sua forma de se comunicar e interagir (Eisenstein; Estefenon, 2011; Melo *et al.* 2019). Nesse contexto, destacam-se como fatores positivos, a possibilidade de troca de saberes entre gerações, a facilitação de aprendizados, a praticidade da comunicação entre os membros da família e a possibilidade de os pais conseguirem rastrear as atividades de seus filhos, o que se mostra, muitas vezes, como um fator de proteção frente aos eventuais riscos do mundo moderno (Neumann; Missel, 2019; Souza; Schnitman, 2021).

No entanto, as mesmas ferramentas também carregam uma série de riscos e dificuldades. Especialmente quando se fala de adolescentes e jovens, percebe-se que passam muito tempo isolados em seus quartos, podendo apresentar queda do rendimento escolar, maior dificuldade em dialogar presencialmente, além dos riscos para a saúde física e mental (Eisenstein; Estefenon, 2011).

As TDICs permitem que a criança ou o adolescente vivam em uma espécie de mundo paralelo, tornando-se uma fuga de realidades que não gostaria de enfrentar. Além disso, a quantidade de estímulos experimentados no meio virtual não pode igualar-se à convivência social face a face. Assim, o jovem vai distanciando-se, num movimento não necessariamente consciente, e por não deixar de ser humano, sofre as consequências do seu isolamento (Melo *et al.* 2019; Neumann; Missel, 2019). Neste contexto, as reclamações dos pais costumam ser frequentes em relação ao uso da tecnologia pelas crianças e adolescentes associado ao distanciamento dos mesmos e a dificuldade de cumprimento das tarefas e responsabilidades que lhes são incumbidas (Garzella *et al.*, 2021).

Da mesma forma, atualmente é possível perceber o uso indiscriminado e sem controle das TDICs também por parte dos pais ou responsáveis, que acabam se distanciando da vida dos filhos, por estarem ocupados com suas redes sociais,

atividades profissionais e/ou recreativas em dispositivos eletrônicos. Apesar de estarem fisicamente no mesmo ambiente, muitas vezes não priorizam a comunicação com o meio familiar, deixando até mesmo a sua responsabilidade sobre a vida dos filhos em segundo plano, prejudicando o desenvolvimento da família e as relações ali presentes (Pedroso; BONFIM, 2017).

Na mesma direção, o estudo de RADESKY et al. (2014) observou 55 cuidadores com pelo menos uma criança em um restaurante *fast food*, em que 40 participantes fizeram uso de dispositivos eletrônicos, prejudicando sua interação com a criança. O fato de os filhos terem mais proximidade e domínio sobre as TDICs pode interferir na autoridade dos pais sobre suas vidas, podendo gerar uma confusão na hierarquia e nos papéis familiares. Os pais podem sentir-se inseguros e incapazes de lidar com tal tarefa. Por esse motivo, tendem a deixar os filhos mais livres para usarem e mais do que isso, tornam os filhos responsáveis por dominar as ferramentas tecnológicas e ensiná-los, o que causa uma inversão de papéis familiares assim como fragiliza a autoridade parental (Piccini; Costa; Cenci, 2020).

Neste sentido, não se trata de recriminar o uso das tecnologias no ambiente familiar, mas torna-se necessário pensar em novas formas de administração da vida tecnológica nas famílias. Não será mais possível abandonar as TDICs e nem as retirar de modo completo e/ou definitivo do meio doméstico, já que a presença da tecnologia há muito tempo é uma realidade mundial evidente em diferentes contextos. Cabe, contudo, analisar a qualidade relacional das famílias, suas conexões e desconexões relacionais a partir da presença e uso das tecnologias de informação e comunicação.

É necessário refletir acerca das maneiras como os membros dos sistemas familiares conseguem preservar a interação entre os pares e entre as gerações, exercitando o diálogo, o afeto e convívio familiar tão importantes para o desenvolvimento dos filhos e para a saúde da família (Eisenstein; Estefenon, 2011; Pedroso; Bonfim, 2017). A partir disso, o presente estudo se propõe a investigar as repercussões do uso da tecnologia nas relações familiares com crianças e adolescentes na percepção dos pais.

3 Metodologia

3.1 Delineamento da Pesquisa

A presente pesquisa constituiu-se em um estudo qualitativo de caráter exploratório. Este delineamento foi definido por tratar-se de um objeto de estudo dinâmico e singular, como são as consequências psicológicas no indivíduo, além de ser um método utilizado para aprimorar ideias sobre um determinado problema, a fim de torná-lo mais discutido no meio científico, produzindo mais reflexões (Gil, 2002).

3.2 Participantes

Foram pesquisados quatro casais heterossexuais, selecionados por conveniência, com idades entre 18 e 50 anos, casados ou em união estável, residentes na mesma casa, com pelo menos um filho entre zero e 18 anos e que estivessem habituados ao uso da tecnologia (possuindo celular e redes sociais). O intervalo de idade dos pais foi estabelecido baseado na lei brasileira (art. 5º, da Lei n. 10.406/2002) que refere o adulto sendo o sujeito com 18 anos ou mais, o que explica a idade mínima dos respondentes. Já o limite de 50 anos, foi estabelecido por considerar o intervalo de idade em que os adultos são comumente férteis e passíveis de gerarem filhos. Foram pensados critérios de exclusão a fim de evitar que questões adversas pudessem influenciar os resultados da pesquisa, e portanto, foram excluídos pais ou mães que trabalhassem em casa, na presença do(a) filho(a), o que poderia trazer outras variáveis que o presente estudo não buscou investigar. Foram também excluídas pessoas diagnosticadas com algum transtorno relacionado à dependência tecnológica ou adultos que tivessem filhos com o mesmo diagnóstico. Ainda, não foram admitidos casais que tivessem filhos de outros relacionamentos sob o regime de guarda compartilhada.

Os quatro casais investigados foram definidos de modo a contemplar pelo menos um filho nas diferentes fases do desenvolvimento infantil. Assim, casal 1 necessitou ter pelo menos um filho de até três anos de idade, contemplando a primeira infância; o 2 com pelo menos um filho na segunda infância, entre três e seis anos de idade; o casal 3, com pelo menos um filho de seis até 11 anos,

abrangendo a terceira infância e o último, casal 4, com filho adolescente entre 12 e 18 anos (Papalia; Martorell, 2022). A participação de casais com filhos com diferentes idades se justificou pelo delineamento do estudo, que se propôs a explorar o estudo do fenômeno. Para tanto, famílias em diferentes etapas do ciclo vital se tornaram objetos potenciais de estudo. O número de participantes foi definido a partir do estudo de Caetano, Martins e Motta (2016), que define que pesquisas de cunho qualitativo sejam entrevistados entre cinco e 15 indivíduos. O número de participantes justificou-se ainda, por tratar-se de um estudo qualitativo, de delineamento que buscou descrever e explorar o fenômeno em estudo, em que poucos participantes são necessários. O número de quatro casais, sendo oito participantes, no total, foi considerado “um número suficiente de interlocutores que propicie reincidência e complementaridade das informações” (Minayo, 2017). A inserção de oito participantes compondo quatro casais, igualmente se justificou, pois, a análise de dados cruzados baseada em YIN (2015) sugere o cruzamento de pelo menos três casos para comparação das semelhanças e divergências entre eles.

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Para a realização da presente pesquisa, foram utilizados dois instrumentos: um questionário sociodemográfico para coletar as informações de sexo, idades, tempo de relacionamento, quantidade e idade dos filhos, e ocupação a fim de mapear a realidade sociodemográfica da família. Além disso, foi aplicada uma entrevista semiestruturada, elaborada especificamente para o presente estudo, contendo 13 questões para nortear a investigação, a qual teve o objetivo de explorar os aspectos relacionais da família com foco na dinâmica familiar e como as TDICs se apresentam na realidade familiar.

3.4 Procedimentos da coleta de dados

Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da IES (CEP/FACCAT, CAEE 72469723.6.0000.8135), a pesquisa foi divulgada em redes sociais, a fim de identificar potenciais participantes. Na divulgação, foi referido que os interessados

em participar deveriam manifestar-se informando o interesse por e-mail, telefone ou contato privado na rede social utilizada (Whatsapp ou Instagram).

Diante da identificação do possível participante, a pesquisadora realizou contato telefônico e fez todos os esclarecimentos acerca do estudo, seus objetivos, procedimentos e demais informações. Frente ao aceite inicial, a pesquisadora agendou a entrevista, que ocorreu presencialmente, em data, horário e local de preferência do participante.

No dia, horário e local agendado, os participantes foram esclarecidos sobre os procedimentos do estudo, sigilo e anonimato, possibilidade de desistência em qualquer tempo durante a coleta dos dados, uso dos resultados e guarda segura dos dados coletados. Após a pesquisadora assegurar-se de que não restavam dúvidas e mediante a concordância dos participantes, eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com a participação no estudo e as entrevistas foram, então, realizadas.

3.5 Análise de dados

Os dados obtidos foram analisados qualitativamente, com foco na dinâmica familiar (Nichols; Schwartz, 2007). Cada caso inicialmente foi analisado de forma individual e posteriormente, houve uma comparação das semelhanças e divergências entre eles, baseando-se na análise de casos cruzados (Yin, 2015).

3.6 Procedimentos éticos

O presente estudo atendeu as exigências da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), para pesquisas que envolvem seres humanos (Brasil, 2016). A pesquisa iniciou somente após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FACCAT via Plataforma Brasil.

No dia e horário agendado para a realização da pesquisa, os participantes foram, antes de tudo, esclarecidos acerca dos objetivos do estudo, anonimato e sigilo das informações, procedimentos, possibilidade de desistência em qualquer tempo, uso dos dados coletados e demais aspectos do estudo, conforme referido. Não restando dúvidas, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -

TCLE expressando sua concordância com os conteúdos nele presentes. A identidade dos participantes foi preservada e foi solicitada a manifestação expressa de sua concordância quanto à gravação do áudio da entrevista, assim como quanto à divulgação das informações coletadas. As entrevistas foram gravadas para sua posterior transcrição, mediante autorização dos participantes, que tiveram garantidos o direito de omissão de dados e possibilidade de desistência da pesquisa em qualquer momento. Os registros do áudio das entrevistas ficarão guardados, de forma segura, com a pesquisadora por cinco anos e depois serão descartados, conforme orientações do Conselho Federal de Psicologia. Ainda que os resultados do estudo possam ser divulgados em comunicações científicas, a identidade dos participantes pesquisados será preservada, não havendo qualquer forma de identificação, a fim de garantir o anonimato. Qualquer informação que possa identificar os participantes foi omitida e os seus nomes foram alterados a fim de preservar suas identidades.

Foi garantido ao participante da pesquisa o direito de não responder qualquer questão que lhe causasse algum desconforto, sem necessidade de justificativa ou explicação, podendo retirar sua autorização na participação da pesquisa a qualquer momento. Salientou-se que os participantes teriam riscos mínimos na participação da pesquisa como por exemplo, algum constrangimento e/ou desconforto em responder qualquer pergunta da entrevista. Neste caso, o participante deveria informar à pesquisadora e poderia não responder ao questionamento e/ou mesmo desistir da pesquisa, retirando sua autorização para coleta dos dados sem nenhum ônus ou prejuízo.

Os participantes não tiveram qualquer benefício direto na participação do presente estudo; e em relação aos benefícios indiretos, pode-se destacar a contribuição com o fornecimento de dados sobre o tema em estudo, qualificando os dados existentes e auxiliando na produção de conhecimento. Ainda, poderá subsidiar o trabalho de profissionais que atuam junto às famílias a fim de favorecer intervenções coerentes com o cenário familiar atual. Os participantes terão acesso aos resultados da pesquisa, recebendo um e-mail com o arquivo do trabalho final, de forma individual.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CASO 1 - Fábio e Joana

Fábio e Joana têm 17 anos de relacionamento e três filhos. Um de um ano e dois meses, outro de sete anos e o mais velho de 11 anos. Ele é motorista, possui ensino médio incompleto e tem 37 anos. Ela trabalha como revisora em uma indústria, possui 35 anos e ensino médio completo.

Para o casal, os fatores essenciais para um bom relacionamento familiar são a comunicação, o amor e o respeito. Os dois referem que o uso excessivo das tecnologias pode diminuir o diálogo, especialmente na relação do casal. Joana expressa sua dificuldade dizendo *“Mas eu digo pra ele... pra mim conversar com ele, eu já falo pra ele, vou te mandar um áudio. Porque daí ele vai ver e vai responder”*, indicando a importância de ter um momento de diálogo sem interferências (Delatorre; Wagner, 2021). Fábio explica que usa muito o seu celular em razão do trabalho, pois como motorista, sempre está se comunicando com os colegas sobre o trânsito. Além disso, o casal expõe que devido à rotina intensa, *“às vezes falta tempo”* para viverem um momento de qualidade juntos.

Em relação ao uso das TDICs por parte dos filhos, Joana explica que os dois mais velhos costumam usar de forma moderada, embora cada um tenha o seu próprio aparelho, e percebe uma diferença em relação à influência dos aparelhos de acordo com as diferentes idades: *“O meu de 7 ele é muito ligeiro, o meu de 11 é mais tranquilo e o de 7 é mais medonho. Então, às vezes, quando ele está muito respondão, ele não é mal educado, graças a Deus, mas quando ele está assim, muito acelerado, não obedece... A gente já diz, tá olhando... o que que tá olhando no celular?”* demonstrando também que o conteúdo absorvido altera o comportamento do filho, o que se mostra com uma interferência da tecnologia no desenvolvimento das crianças e nas relações familiares (Souza; Cunha, 2019). No entanto, os pais relatam que a família tem rotina estabelecida com horário para dormir e algumas regras que podem ajudar no controle do uso das tecnologias. Além disso, buscam realizar outras atividades, principalmente ao ar livre, com os filhos, o que acaba diminuindo o interesse deles pelas telas e aproximando a família (Roberto; Macedo; Moraes, 2020), conforme o pai explica: *“nós temos um campo lá*

que a gente acampa. Então a gente vai pra lá, a gente leva o celular, até tem um vizinho na frente que tem wifi, mas aí a gente vai, eles dizem, ‘bah cara, tu vem pra cá com teus guris aqui e eles nem pegam o celular na mão’ então a gente vai pra lá, a gente faz alguma coisa, vão tomar banho de rio, pescar...”. Essa pode ser uma vantagem de morar em uma cidade de tamanho menor, que proporciona maior contato com a natureza em vista dos grandes centros.

Ainda, o casal acredita que as TDICs também podem ser bem aproveitadas, através de alguns jogos, conforme diz a mãe *“então aquilo ali é uma coisa boa, assim, é bom ele jogar porque... nossa, ele é muito ligeirinho ali com os dedos”*. E Fábio, quando fala *“Tem o jogo que o maior joga que é de montar a casa. Tem que ver as casas que ele monta, então isso também é um incentivo aí. Então ele monta e ‘olha a casa que eu montei aqui, olha a casa que eu montei’*. Então vai aprendendo, daqui a pouco vai desenvolvendo uma profissão, uma paixão por alguma coisa... Então tem o lado bom, sempre tem o lado bom e o lado ruim”, destaca que a tecnologia também pode ser uma aliada para mediar a aprendizagem, a curiosidade e a imaginação, desde que seja usada de forma adequada (Oliveira; Barroco, 2023). Além disso, acreditam que se os filhos não acompanharem o ritmo de desenvolvimento das TDICs eles *“vão ficar para trás”*, fator visto como um fenômeno de conformação às mudanças sociais (BRITO, 2018). Joana também percebe uma vantagem em relação à tecnologia pela possibilidade de manter o contato com pessoas que estão longe, como sua irmã (Ledur; Schmitt; Andretta, 2023).

CASO 2 - Gabriel e Deise

Gabriel tem 44 anos e trabalha como gerente de produção. Deise tem 40 anos e é programadora de produção em uma indústria. Os dois possuem ensino médio completo e estão casados há 20 anos. As filhas possuem cinco e 13 anos e cada membro da família possui o seu próprio celular.

Para o casal, o diálogo é uma prática fundamental para a família. Deise elenca como uma prioridade: *“Primeiro, conversa; um bom relacionamento, uma boa conversa, sempre resolve, sempre ajuda bastante em vários quesitos da família, assim”*. No entanto, ela também acredita que a tecnologia pode atrapalhar

esse processo *“Então, é bem nítido assim que antes com menos celulares a gente conversava muito mais”*, remetendo ao fenômeno da individualização e menor quantidade de interações devido ao uso das TDICs (Melo *et al.* 2019).

Em relação às crianças, Deise compartilhou que quando a filha mais velha, Teresa, tinha por volta de nove anos, em meio à pandemia da Covid-19, passaram por uma situação difícil, em que a menina estava conversando com outra pessoa mais velha através da conta do *Tiktok* e passando informações pessoais, colocando-se em risco, expressando uma importante preocupação dos pais em relação ao uso de redes sociais pelos filhos (Eisenstein; Estefenon, 2011). *“Às vezes a gente dormia e não percebia que ela estava no telefone porque ela estava no quarto dela”*. Os pais então começaram a perceber uma mudança de comportamento na filha, que se apresentava mais irritada e isolada da família, o que pode ser um sinal de algo não vai bem (Souza; Cunha, 2019) e descobriram a situação através do aviso de uma amiga, que ao ver alguns comentários da menina na rede social, os quais achou estranhos, alertou os pais que resolveram olhar o celular da filha. *“No momento eu fiquei muito apavorada, preocupada, fiquei desesperada, assim, né?”*. A partir dessa situação, restringiram o uso do celular e dialogaram muito com a Teresa, que foi voltando ao comportamento habitual, demonstrando não só a importância, mas a necessidade de estabelecer equilíbrio acerca do uso das tecnologias (Ledur; Schmitt; Andretta, 2023; Oliveira; Barroco, 2023). Alguns meses depois, ela ganhou acesso ao celular novamente e os pais buscam manter uma relação de diálogo, respeito e confiança. Além disso, embora acreditem que o diálogo aberto é a fonte de maior segurança para evitar os riscos relativos ao uso das TDICs, atualmente, procuram exercer maior controle acompanhando mais de perto as contas das filhas, especialmente a de cinco anos. Ainda que esse acompanhamento seja de vez em quando, se estabelece uma relação de maior cuidado e diálogo com as filhas evitando, assim, maiores ameaças à sua proteção e da família (Schwartz; Pacheco, 2021).

Ademais, Deise relata que o fato de a filha ter atividades extracurriculares, como dança e esportes, ajuda a manejar o uso das telas: *“Se ela tivesse em casa todas as tardes, com certeza, ela passaria mais tempo no telefone, tá? É interessante que eles possam ter outras atividades”*, referindo as recomendações preconizadas pela Sociedade Brasileira de Pediatria (2019). E ainda defende um

benefício do uso das TDICs, que é poder manter a comunicação com os filhos, especialmente quando estão fora de casa: *“Mas também em outro sentido, ele facilitou. A Teresa fez um passeio com a escola, a gente pôde ter contato sabendo no momento onde ela está. Ah, está tudo bem. Agora a gente vai almoçar. Perfeito. Agora a gente vai sair, pode ficar sem sinal. Então isso também tranquiliza”*, destacando que mais do que definir se as TDICs são boas ou más, o importante é o uso que faz delas (Ledur; Schmitt; Andretta, 2023; Neumann; Missel, 2019; Oliveira; Barroco, 2023).

CASO 3 - Felipe e Natália

Felipe tem 39 anos e é casado há 15 anos com Natália, de 37 anos. O casal tem uma única filha de nove anos. Felipe possui ensino fundamental incompleto e trabalha como mecânico e vendedor. Natália é professora, possui especialização e também atua como vendedora.

Os dois afirmam que a necessidade do uso das tecnologias tornou-se maior nos últimos anos e que muitas vezes, em virtude do trabalho, precisam estar com os aparelhos em meio a rotina familiar. Natália refere: *“meu momento de lazer tem se transformado em um momento de lazer onde eu preciso finalizar alguma coisa, eu preciso estar no computador”* e ainda, falando sobre o marido aponta: *“ele tá sempre, o tempo todo no WhatsApp, o telefone toca, o telefone chama, o cliente chama, né? Então ele tá o tempo todo assim no WhatsApp, né?”*, indicando uma realidade necessária, imposta pela vida moderna para a família. Devido a essa imposição, percebe-se uma certa ambivalência acerca da percepção das interferências desses dispositivos nas relações entre eles (Garzella, et al. 2021). Contudo, é possível notar que a rotina corrida acarreta em uma atenção menor aos membros da família: *“Automaticamente eu acabo não dando atenção para o Felipe, que automaticamente também fica no celular, daí nenhum dos dois então dá atenção para a Lívia, que também acaba ficando no celular ou jogando... dificilmente vai para a rua”*, diz Natália. Quanto aos momentos de diálogo, Natália observa: *“a gente se fala muito pouco, né? [...] Normalmente a gente não dá conta de conversar tudo que a gente precisa...”* destacando o distanciamento familiar comumente associado ao uso de tecnologias (Pedroso; Bonfim, 2017). O casal

também defende que a necessidade do uso das tecnologias acaba interferindo no tempo que tem uns com os outros, pois ao ver a necessidade de responder o *whatsapp* de um cliente, por exemplo, vê-se também as diversas notificações e possibilidades existentes no aparelho, fazendo a pessoa envolver-se de modo quase involuntário (Bentes, 2021).

A filha, Lívia, possui o seu próprio celular. Ganhou o aparelho quando tinha em torno de seis anos. Os pais afirmam que ela segue facilmente as ordens que são dadas em relação ao uso do celular. Comumente, negociam o tempo com outras atividades que precisam ser feitas. Quanto à relação da filha com os pais, ambos dizem que *“influenciou bastante no comportamento no momento em que ela ganhou o celular”*, pois ela acaba tendo acesso a conteúdos que não teria, se isso dependesse apenas do diálogo familiar. *“A gente tenta controlar, mas tudo a gente não consegue. Porque é uma janela aberta de milhões e milhões de conteúdo, então influencia, sim, porque ela tem contato com coisas que a gente não gostaria que tivesse, né?”*. A falta de controle sobre onde e no que a filha está navegando, segundo a mãe, é uma das principais dificuldades ao exercer o papel parental aliado às TDICs (Santos *et al.* 2020). Ainda, o casal refere que percebe que esta nova realidade carrega junto de si, um senso de imediatismo que muitas vezes é difícil de lidar e acaba por produzir mais ansiedade e estresse no ambiente familiar, ratificando os achados da literatura (Pedroso; Bonfim, 2017).

CASO 4 - Marcos e Marcela

Marcos tem 41 anos e trabalha como motorista. Marcela tem 35 anos e é analista de departamento pessoal. Ele possui ensino médio incompleto e ela superior incompleto. Os dois estão juntos há 14 anos e têm três filhos, Joaquim de 13 anos, Laura de nove anos e Amanda de quatro anos.

Marcos refere que a qualidade das relações familiares melhorou muito depois que a família conseguiu passar mais tempo junto *“depois que eu passei a estar mais tempo com a família, a gente começou a se dar melhor”*. E evidencia que o celular pode prejudicar a qualidade destes momentos *“É... Para a qualidade assim, da convivência principalmente, o celular ele atrapalha bastante”*, devido a atenção se fragmentar entre o aparelho a pessoa com quem se está conversando

(Oceja; Altaba, 2016). Marcela concorda dizendo *“se a gente quer estar junto e conversando, é sem telefone e sem tv”*. Este fator é ainda reconhecido como motivo de ruídos na relação do casal: *“Às vezes a gente tá conversando e outro vai dar uma bisbilhotada no telefone... Já dá uma boca torcida, um olhar mais atravessado, tem que dar uma cuidada nisso aí, né?”*.

Os três filhos possuem um único celular *“sem chip e sem whats”* para dividir. Joaquim também possui um videogame, *Playstation 2*, e deste modo, as crianças revezam os aparelhos entre si. Os pais referem que a principal regra para o uso é o comportamento e que buscam sempre estar atentos ao conteúdo que está sendo acessado pelos filhos.

Laura é a filha que atualmente sofre mais influência das TDICs, conforme Marcos explica: *“A gente tem que cuidar bastante, que às vezes ela olha algumas coisas assim, que a gente vê que ela acaba trazendo aquilo muito pra ela, principalmente nos vocabulários, sabe?”*, Marcela completa: *“o jeito dela falar ou se comportar, a gente já tem a noção, já dá pra ir cortar o vídeo. Ah, e tanto é que às vezes ela fica um tempo sem, porque ela é muito influenciável”*, referindo as repercussões do uso das tecnologias, com especial destaque às redes sociais, no comportamento de crianças e adolescentes (Souza; Cunha, 2019). Soma-se a isso, o fato de os adolescentes atuais serem considerados *“nativos digitais”*, por terem nascidos após o advento da Internet, o que faz com que estejam mais familiarizados com o universo tecnológico, dispondo de cada vez mais recursos para interação digital, o que parece não ocorrer com os seus pais, contribuindo para maior distanciamento familiar (Le Breton, 2017; Martínez; Miralles; González, 2012). Diante disso, os pais explicam que surge a necessidade de serem *“mais enérgicos”* com ela, alterando a forma de se relacionarem. A mãe também evidencia uma preocupação com os conteúdos que aparecem, até mesmo nas classificações infantis: *“hoje tem muito conteúdo, a TV hoje, tudo né? A TV, o vocabulário é muito complicado, né? As cenas, hoje em dia, tudo muito explícito, né? Então... até, até em desenho, desenho que teria, na verdade, teria a inocência, a gente olha e já tem aquela malícia”*. Os pais também manifestam a preocupação de que não seja possível controlar tudo, devido a influência de outros ambientes como a escola, por exemplo: *“ele dizendo que esses dias os colegas estavam olhando coisa feia no telefone... E acredito que seja alguma coisa com relação a sexo, pornografia, coisa*

assim...”. Para tanto, os pais buscam usar sempre do diálogo e da confiança para amenizar os riscos (Schwartz; Pacheco, 2021).

O casal também percebe benefícios em relação ao uso das TDICs, que algumas vezes, serve como entretenimento para as crianças a fim de que os pais possam ter *“uma conversa de adulto”* (Santos *et al.* 2020). Assim como nos finais de semana, as TDICs mediam as atividades em família: *“geralmente a gente se joga pelo chão, olhar uma TV e tal, né?”* e também servem como mediadores da relação entre o pai e o filho, conforme refere Marcela: *“O Joaquim é bem fechado, então ele se abre bastante com o Marcos nesse momento. Então é um ponto super positivo, né? Ele consegue ir jogando, ir trocando essa ideia e conversando, né?”* demonstrando a possibilidade de aproximação entre as diferentes gerações por meio do recurso tecnológico (Stengel, *et al.* 2018). Além disso, Marcos aponta que acredita que na área do conhecimento, o instrumento pode ser um aliado *“porque a gente acaba tendo mais uma perspectiva melhor do que está acontecendo ao nosso entorno”* (Souza; Schnitman, 2021). E também apontam que o celular pode ajudar a controlar o bem-estar dos filhos quando os pais estão longe, tranquilizando-os (Piccini; Costa; Cenci, 2020).

Com relação à síntese dos casos cruzados (YIN, 2005), foram identificadas semelhanças na percepção dos quatro casais pesquisados quanto à importância do diálogo e da atenção ao outro como fatores considerados importantes para uma boa relação familiar (Young; Abreu, 2018). Da mesma forma, todos os casais consideraram que o uso das TDICs pode atrapalhar essa dinâmica, diminuindo a frequência dessas interações e a comunicação do meio familiar, corroborando com as pesquisas anteriormente realizadas em torno da mesma temática (Garzella, *et al.* 2021; Ledur; Schmitt; Mello; Andretta, 2022; Pedroso; Bonfim, 2017; Melo *et al.* 2019).

Pôde-se notar que o uso das TDICs aumenta conforme avançam as idades dos filhos (Faria; Costa; Neto, 2018), o que não significa, no entanto, que os padrões de uso estejam dentro das recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), que preconiza a restrição total do uso de telas até os dois anos de idade, no máximo uma hora por dia para crianças de dois a cinco anos e de no máximo uma a duas horas por dia para crianças de seis a doze anos. Comparando os relatos dos casais entrevistados e as idades dos filhos, percebe-se que a terceira

infância é a fase em que os pais constataam maior influência no comportamento infantil devido aos conteúdos acessados nas tecnologias. É possível que isso se deva à influência na maturação cognitiva, afetiva e social, ao mesmo tempo que impacta no comportamento mais sedentário das crianças, favorecendo aspectos depressivos e ansiosos na infância (Paiva; Costa, 2015). Esse fato gera, consequentemente, maior atrito em torno da relação parental, sendo que a partir da adolescência, os pais procuram estabelecer uma relação de maior confiança, possibilitando maior autonomia por parte dos filhos para o uso das plataformas digitais, restringindo menos o uso por meio de regras e buscando mais ativamente o diálogo sobre os conteúdos acessados.

Ainda, em se falando das convergências entre os casos pesquisados, foi possível perceber um estilo de mediação parental mais ativo e menos restritivo, já que os pais prezam mais pelo diálogo e orientação em relação aos conteúdos, impondo regras somente quando percebem algum malefício no comportamento infantil (Schwartz; Pacheco, 2021). Além disso, as orientações em relação ao uso das tecnologias tornam-se um tanto confusas, sendo que os pais acabam utilizando as regras e limites em um sentido majoritariamente punitivo, não tornando-os claros para a criança ou o adolescente (Souza; Schnitman, 2021). Apesar disso, os pais relataram que não ter o controle absoluto sobre o que as crianças estão acessando é o que gera maior insegurança.

No que tange às divergências entre os casos, destaca-se a percepção dos benefícios das TDICs, especialmente no que tange à possibilidade de comunicação com pessoas em diferentes espaços. A referida divergência pode estar relacionada, em alguma medida, à diferença de idade dos filhos e características específicas de cada família, sua configuração e estrutura familiar (CANHÃO, 2016). Outro aspecto que destaca a diferença entre os casos é a percepção do uso das TDICs como facilitador da aprendizagem e a mediação das relações entre diferentes gerações (Neumann; Missel, 2019; Piccini; Costa; Cenci, 2020).

A partir disso, Sorj, Noujaim e Marzocchi (2021) destacam a importância de as famílias manterem momentos de convivência, diálogo e interação uns com os outros sem a presença das tecnologias, visto que são precisamente essas interações que desenvolvem os valores de humanidade. Embora a Internet torne possível o compartilhamento de informações, não têm a mesma capacidade de

desenvolver as habilidades sociais nos indivíduos, por não estar completamente inserida na realidade. Ainda, a afetividade familiar torna-se um fator protetivo contra o isolamento social, favorecendo a segurança, autoestima e autonomia no indivíduo, que o protegem dos riscos relacionados às TDICs (Ledur; Schmitt; Andretta, 2023). Da mesma forma, também se mostrou importante para o casal manter momentos de lazer, afeto, diálogo e intimidade, proporcionando uma maior qualidade da relação conjugal e capacidade de adaptação frente às demandas estressoras da vida moderna (Delatorre; Wagner, 2021). Na mesma direção, outro aspecto levantado foi a dificuldade de separar um tempo exclusivo para compartilhar momentos em família, principalmente devido às exigências da vida moderna relacionada ao trabalho dos pais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetificou compreender as repercussões das TDICs nas relações familiares na percepção dos pais. A pesquisa demonstrou que o uso constante das mídias digitais no espaço familiar pode acarretar o empobrecimento do diálogo familiar, fator apontado como essencial para uma relação saudável. Entende-se que a rotina acelerada, aliada ao trabalho dos pais, favorece o uso constante dos aparelhos mesmo em horários não comerciais e que favorece, conseqüentemente, o uso por parte das crianças e adolescentes, depreciando o diálogo e a atenção mútua entre todos os membros da família.

Ainda, tornou-se possível identificar efeitos positivos da presença das TDICs nas famílias, facilitando a comunicação entre as pessoas quando estão longe e assim oferecendo maior tranquilidade para os pais em relação aos seus filhos, promovendo oportunidades de aproximação entre os membros da família, especialmente tratando-se de diferentes gerações, além de fomentar a aprendizagem por meio de jogos e pesquisas.

Percebe-se que o uso das TDICs pelas crianças inicia desde cedo, antes dos dois anos, aumentando conforme avança a idade. Embora os pais apresentem-se inseguros e receosos em relação aos conteúdos acessados, evidenciando a mudança de comportamento dos filhos frente aos estímulos das mídias, a mediação parental é estabelecida especialmente em volta do diálogo, o que pode ser um

aspecto associado à desejabilidade social. Contudo, o controle pouco claro identificado nos casos pesquisados, pode contribuir para que consequências negativas para o desenvolvimento infantil e adolescente sejam observados. Ainda, assume destaque os riscos iminentes aos quais crianças e adolescentes podem estar expostos. Torna-se oportuno produzir e divulgar mais dados em torno do tema, a fim de auxiliar os pais, por meio da informação, a exercerem uma mediação mais assertiva. Somado a isso, os resultados desta investigação podem contribuir com profissionais da área da saúde, educação e assistência no que se refere à elaboração de intervenções com foco na orientação parental, contribuindo com a saúde mental e relacional das famílias de um modo amplo.

Desta forma, não se pretende recriminar o uso das tecnologias, mas ressaltar a importância da preservação de momentos em família que oportunizem interações reais, a fim de que o diálogo e a convivência possam gerar maior segurança afetiva para todos os indivíduos. A vivência das famílias pesquisadas em cidades de interior, possibilitando maior contato com a natureza, pode ser considerado um fator protetivo em relação ao uso constante das telas.

A despeito dos resultados obtidos, este estudo encontra algumas limitações, como o fator de desejabilidade social ao responder às questões da entrevista de forma ambivalente, levando em consideração o que seria o correto a se fazer. Pesquisas futuras poderiam utilizar o recurso da observação naturalística, a fim de obter um olhar da realidade mais preciso. Sugere-se, ainda, que novos estudos sejam desenvolvidos em torno da faixa etária da terceira fase do desenvolvimento infantil, a fim de entender mais aprofundadamente, as razões da tecnologia influenciar de forma mais intensa esta fase.

Por fim, os resultados encontrados podem contribuir para a reflexão acerca da utilização das TDICs e os seus efeitos nas relações familiares, as quais possuem grande relevância na formação e no bem-estar do sujeito. Esta mesma reflexão pode auxiliar pais e profissionais da área a encontrarem melhores alternativas de manejo, não recriminando ou julgando o uso das tecnologias, mas preservando momentos em família que propiciem o diálogo e a atenção entre as pessoas, buscando formas seguras de orientar as crianças e adolescentes quanto ao seu uso e garantindo a satisfação e a saúde de todos os membros da família. Tendo em vista a relevância do tema no contexto atual e a baixa produção de pesquisas

brasileiras em torno do assunto, sugere-se que o tema seja mais explorado, a fim de obter maior qualidade de informações contribuindo para o campo científico e social.

Referências

ALMEIDA, M. A.; CRIPPA, G. De bacon à internet: considerações sobre a organização do conhecimento e a constituição da ciência da informação. Ponto de Acesso, v. 3, n. 2, p. 109-131, 2009.

ALMEIDA, Maíra Lopes; FRIZZO Giana Bittencurt. Mídias digitais e qualidade da interação mãe-bebê: Revisão de literatura. Revista Saúde e Desenvolvimento Humano. Universidade La Salle Editora, Canoas, v. 9, n. 3, 2021.

BENTES, Anna. Quase um tique: Economia da atenção, vigilância e espetáculo em uma rede social. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2021.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thommas. A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL, Lei nº 10406: Institui o Código Civil. Brasília, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da União: Brasília, 24 de maio de 2016, Seção 1, p.44-46.

BRITO, Rita. Estilos de mediação do uso de tecnologias digitais por crianças até aos 6 anos. Da Investigação às Práticas. v. 8, n. 2, p. 21-46, 2018.

Disponível em: <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/155/270>. Acesso em 15/11/2023.

CAETANO, Carolina; MARTINS, Maristela; MOTTA, Romilda C. Família contemporânea: estudo de casais sem filhos por opção. Pensando famílias. v. 20, n.1, p. 43-56, 2016.

CGI - CETIC: Comitê Gestor da Internet e Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade de Informação: Pesquisa TIC KIDS ONLINE – Brasil. 2015. Disponível em: www.cetic.br/pesquisa/kids-online/indicadores.

CANHÃO, Mariana Alves. Riscos e potencialidades do uso das redes sociais na adolescência. 2016. 27 f. Tese (Mestrado Integrado em Medicina) - Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

DELATORRE, Marina Z.; WAGNER, Adriana. A relação conjugal na perspectiva de casais. Ciências Psicológicas. v.15, n.1, p. 1-20, 2021.

EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana B. Geração Digital: Riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto, UERJ. v. 10, n. 2, p. 42-52, 2011.

FARIA, Hugo C.; COSTA, Inês P.; NETO, Ana S. Hábitos de utilização das novas tecnologias em crianças e jovens. Gazeta Médica. v. 5, n. 4, p. 270-276, 2018. Disponível em:

<https://www.gazetamedica.com/index.php/gazeta/article/view/214/133>. Acesso em 15/11/2023.

GARZELLA, *et al.* Relações entre tecnologias de informação e comunicação e interações familiares: revisão narrativa-sistemática da literatura. *PsicolArgum.* v. 39, n. 107, p. 1294-1320, 2021.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANDESSO, Mailene A. Famílias e narrativas: histórias, histórias e mais histórias. *Família e...*; 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LE BRETON, D. Uma breve história da adolescência. 1 ed. Belo Horizonte: PUCMG, 2017.

LEDUR, Bianca; SCHMITT, Marina; ANDRETTA, Ilana. Mundo Online: Interações entre dependência da internet, sentimentos de solidão e relações familiares. *Revista Interinstitucional de Psicologia.* v. 16, n. 1, p. 2-23, 2023.

LEDUR, Bianca *et al.* Relação entre adição à internet e os sentimentos de solidão em estudantes universitários de uma instituição privada do sul do Brasil. *Revista Psique.* v. 18, n. 1, p. 49-59, 2022.

LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTÍNEZ, C. B.; MIRALLES, R. M.; GONZÁLEZ, R. O. El riesgo de adicción a nuevas tecnologías en la adolescencia: ¿Debemos preocuparnos? *Formación Médica Continuada en Atención Primaria (FMC).* v. 19, n. 9, p. 519-520, 2012.

MELO, Diego G. S. *et al.* Dependência tecnológica: A doença da contemporaneidade no contexto familiar. *O portal dos psicólogos.* 2018. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1276.pdf>. Acesso em 07/11/2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 7, p. 01-12, 2017.

NEUMANN, Débora M. C; MISSEL, Rafaela J. Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando famílias.* Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 75-91, 2019.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 09/08/2023.

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. Terapia familiar: Conceitos e métodos. 7ª ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.

OCEJA, José F. S.; ALTABA, María S. Família y medios de comunicación: El encuentro de dos minorías creativas. *Revista de ciencias humanas y sociales.* Venezuela, v. 32, n. 12. p. 638-660, 2016.

OLIVEIRA, F. A.; BARROCO, S. M. S. Revolução tecnológica e smartphone: Considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo. *Psicologia em estudo*, v. 28, 2023.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/mp6sqT7Ff7kyCzcrwvQR55m/?lang=pt#>. Acesso em: 15/11/2023.

PAIVA, Natália M. N.; COSTA, Johnatan S. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. O portal dos psicólogos, 2015.

Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>. Acesso em: 07/11/2023.

PAPALIA, Diane. E; MARTORELL, Gabriela. Desenvolvimento humano. 14 ed. Porto Alegre: AMGH, 2022.

PEDROSO, Claudia M. F.; BONFIM, Evandro L. S. O impacto da tecnologia no ambiente escolar e suas consequências na escola. Revista eletrônica das faculdades Eça de Queiroz, v. 6, n. 10, 2017.

Disponível em:

https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20171030115836.pdf. Acesso em 07/11/2023.

PICCINI, Cristian F.; COSTA, Cristofer B.; CENCI, Claudia M. B. Relação entre pais e filhos adolescentes quanto ao uso das mídias digitais. Contextos Clínicos, v. 13, n. 03, p. 849-872, 2020.

RADESKY *et al.* Patterns of mobile device use by caregivers and children during meals in fast food restaurants. Pediatrics, v. 133, n. 4, p. 843-849, 2014.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1542/peds.2013-3703>. Acesso em 02/09/2023.

RIVAS, María M. Victims of datings violence in adolescence: the role of problematic use of social networks sites, loneliness, and family climate. Anales de psicología, v. 39, n. 1, p. 127-136, 2023.

ROBERTO, Fátima M. C.; MACEDO, Ana P. P.; MORAIS, Normanda A. A vivência do lazer em família. Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. Revista da SPAGESP, v. 21, n. 2, p. 97-110, 2020.

SANTOS *et al.* A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança pré-escolar e escolar. Investigação Qualitativa em Saúde: Avanços e desafios, v. 3, n. 1, p. 592-608, 2020.

Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/188>. Acesso em 15/11/2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). Manual de orientação: #menos telas #mais saúde. Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, Karlla; CUNHA, Mônica X. C. Impacto do uso das redes sociais na saúde mental dos adolescentes: Uma revisão sistemática da literatura. Revista Educação, Psicologia e Interfaces, v. 3, n. 3, p. 204-217, 2019.

SOUZA, Sara H. S.; SCHNITMAN, Ivana M. O uso da internet por adolescentes e as transformações nas relações de poder da família contemporânea. REVES - Revista Relações Sociais, v. 04, n. 6, p. 11605-01, 2021.

SORJ, Bernardo.; NOUJAIM, Alice.; MARZOCCHI, Maura. Pensando de forma autônoma dentro e fora da internet: Um guia para as famílias. São Paulo: Fundação FHC, 2021.

Disponível em:

<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20220118165351/coracoes-e-mentes-guia-para-familias.pdf>. Acesso em 27/10/2023.

STENGEL, *et al.* Geração, família e juventude na era virtual. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 424-441, 2018.

SCHWARTZ, Fernanda T.; PACHECO, Janaina T. B. Mediação parental na exposição as redes sociais e a internet de crianças e adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 21, n. 1, p. 217-235, 2021.

Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/4518/451870070012/451870070012.pdf>. Acesso em 15/11/2023.

VELOSO, Renato S. Tecnologia da informação e comunicação. Editora Saraiva, 2012. E-book.

Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502145924/>. Acesso em: 27/10/2023.

YOUNG, Kimberly S.; ABREU, Cristiano N. D. Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento. Porto Alegre: Grupo A, 2018. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582715321/>. Acesso em: 27/10/2023.

YIN, Robert. K. Estudo de caso: Planejamento e métodos. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.